Aos 19 anos, com o José Cerejeira e o Vítor Abrantes Pereira, comecei por propor "mais do que uma simples mudança – uma *TRANSMUTAÇÃO*" numa rubrica do programa *Abertura 1-6* – porque era transmitido às quatro da tarde (ao Fernando Balsinha e ao Salvador Alves Dias fico a dever o franqueamento das portas da rádio).

Na altura, nos idos de 1971, era a abertura possível na então *Emissora Nacional*. Ainda com o lápis azul do censor a pontuar os textos e as pequenas vitórias celebradas ao ritmo do que se conseguia ir dizendo nas entrelinhas. A rubrica não resistiu mais do que alguns meses e acabou quando foi cortada na íntegra uma montagem de um poema de Thiago de Mello *Os Estatutos do Homem* que começava com a singela frase "Fica decretado que agora vale a verdade…".

Era um tempo de contestação aos conteúdos dominantes e à vulgaridade das formas. O modelo de apresentação disco-anúncio já, então, estava esgotado. A conversa de microfone aberto (desinteressante, na maior parte dos casos) não preenchia o imaginário daqueles que queriam algo mais da rádio.

A aposta passava por uma renovação da sensibilidade perceptiva. Para isso contribuíam os caminhos que a estética contemporânea ia desbravando. A *Obra Aberta* de Umberto Eco (antes dos livros do escritor italiano se tornarem *bestsellers*) era uma das inspirações de uma rádio que se pretendia com capacidade para surpreender e para sugerir. Mais do que impor visões do mundo, o objectivo era desencadear no receptor um processo interpretativo-criativo em relação à emissão.

Assumia-se a importância das lógicas de vários valores, da pluralidade de explicações. Por outro lado, a separação entre forma e conteúdo deixava de fazer sentido. "Propor conteúdos progressistas através de formas ultrapassadas é algo de altamente anacrónico" – escrevia eu no *Manifesto Cacimbo 73*, datado de Luanda.

Angola cruzou-se no meu caminho em 1972. O serviço militar obrigatório levou-me para uma guerra de secretaria no Regimento de Infantaria 20, em Luanda. Foram dois anos de um *part-time* militar e de uma vida cheia cá fora. Desde logo, avançando com o curso de Economia, na Universidade de Luanda. Mas, também, dando asas ao *bichinho* da rádio no programa do Pró-Centro Cultural da Universidade *Rádio Nova, Rádio Nossa*, transmitido na *Rádio Eclésia – Emissora Católica de Angola*. Esta estação era, antes do 25 de Abril, um espaço de abertura que o padre Zé Maria ia permitindo apesar dos pesares. Que o digam profissionais como o Carlos Brandão Lucas ou o António Macedo que lá produziam e realizavam os excelentes programas *Equipa 1*, *Equipa 2*, *Equipa 3* e *Equipa 4*.

Angola foi um fascínio desde o primeiro momento, quando senti o bafo quente da temperatura e humidade na chegada ao aeroporto de Luanda. Das plantações de café, no norte, à *Welwitschia mirabilis*, no deserto de Moçâmedes, retive a vastidão dos espaços e a multiplicidade dos tempos. Na rádio foi especialmente gratificante a pesquisa das infinitas possibilidades da exploração sonora. Um experimentalismo que só um programa universitário possibilitava.

Outra experiência única, na altura, foi o contacto com os estúdios da então *Emissora Oficial de Angola* – ao tempo equipada tecnologicamente com o que de mais sofisticado existia (foi lá que vi, pela primeira vez, mais de uma dezena de *Revox* alinhadas, ainda

em armazém). Para além disso, os estúdios com vista para jardins interiores eram, porventura, o mais estimulante local de trabalho que jamais conheci. Por lá colaborei numa rubrica de jazz no programa *Fórmula J* (alô Elísio de Oliveira!).

Acabou o regime em Abril de 1974, acabou a tropa em Dezembro. Em 1975 foi o regresso ao "puto" (como então, em Angola, era designado Portugal Continental) e veio o desemprego. O curso de Economia ficou, entretanto, pelo caminho, quando o ministro Sotomayor Cardia fechou o ISCSP em Lisboa. Mas havia muito em que ocupar o tempo. As ruas eram anfiteatros privilegiados e as sessões eram contínuas, pelo menos até ao 25 de Novembro. Depois veio a normalização democrática e o regresso à rádio.

Em Novembro de 1975, iniciei um estágio no sector de composição radiofónica da *Emissora Nacional*, nos velhos estúdios de São Marçal, onde se vivia o fim da época gloriosa do teatro radiofónico. Ainda a tempo de me inebriar com o trabalho na rádio de grandes actores como Carmen Dolores, Canto e Castro ou Rui de Carvalho e reter o cuidado tratamento sonoro que os mestres da sonorização e da sonoplastia dedicavam à realização das produções.

Findo o estágio de dois meses fui bater à porta do Departamento de Informação da *RDP-EP*, empresa que estava em fase de instalação, e que necessitava de redactores-locutores, para o Programa Internacional. Fui admitido em Abril de 1976 com um contrato eventual por três meses, que foi renovado por mais três. Ao fim de seis meses estava a concorrer a um concurso público (ao lado de Fernando Alves, Emídio Rangel e muitos outros) após o que entrei para os quadros da empresa. A carteira profissional de jornalista foi-me passada em 1977.

A profissionalização como jornalista e uma necessária envolvência sistemática com o quotidiano fizeram renascer em mim um outro interesse: o distanciamento académico, as explicações múltiplas e a tentativa de uma melhor compreensão do outro lado das pessoas e das coisas. Em síntese, foram estas as razões que levaram a inscrever-me na licenciatura em Antropologia, que concluí em 1981, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A experiência académica seria retomada, em 1985-86, na mesma Faculdade, através da frequência de um Mestrado em Comunicação Social. Porém, nessa altura, já o peso da profissionalização era demasiado grande para suportar, simultaneamente, a aridez teórica dos *Paradigmas e Modelos de Comunicação*, *Dialogismo e Pragmática* e seminários quejandos, razão por que o Mestrado ficou a meio.

De 1976 até 1979 mantive-me na *Antena 1* onde desempenhei funções de repórter e redactor-locutor nas equipas da Manhã (com António Jorge Branco e Pedro Cid) e da Noite (com Henrique Garcia e José Augusto Marques). Participei ainda na equipa do programa de informação semanal *O Dito e o Feito*, coordenado pelo Rui Paulo da Cruz. Foi com ele como chefe de redacção que, em 1979, rumei à *Rádio Comercial*, recém-baptizada pelo João David Nunes, na altura em que o então *canal 3 da RDP* passou a ter informação autónoma.

Uma equipa de uma dúzia de jornalistas (entre eles Adelino Gomes, Joaquim Furtado, Armando Pires, Jorge Moreira) procurou, durante perto de um ano, retomar na frequência do antigo *Rádio Clube Português* o espírito informativo daquela estação

antes de ser nacionalizada, em 1975. Uma experiência abortada, a partir de 1980, com as sucessivas incursões de influências partidárias na redacção da *Comercial*. Nesta fase, o socialista António Ribeiro foi o primeiro a assumir a Direcção de Informação.

Estava aberto o caminho para uma mudança de ares que se concretizou, a partir de 1982, com o convite para cumprir um contrato de três anos na Rádio Voz da Alemanha, em Colónia. Na secção portuguesa da *Deutsche Welle* dediquei-me aos assuntos dos PALOP's para onde realizava uma emissão diária de 50 minutos.

Numa outra rádio de Colónia, a *WDR 4*, produzi e realizei vários programas de música e cultura portuguesa, em emissão bilingue. Para além da actividade radiofónica fui correspondente, em Bona, da revista *Grande Reportagem*, nos anos de 1984 e 1985. Desta experiência no estrangeiro, retenho, sobretudo, uma ampla perspectiva da realidade internacional e as acessibilidades proporcionadas pelo facto de viver no centro da Europa.

Regressado a Portugal, voltei à *RDP - Rádio Comercial* onde passei pela edição da Manhã 1 com o José Manuel Lopes (1986/87), Madrugada (quando retomei as actividades académicas) e Manhã 2 (1987/88). Mantive-me na *RDP* até 1992, ano em que, sem sequer ser ouvido, fui desvinculado da rádio de serviço público em que sempre trabalhara e fiquei integrado na *Rádio Comercial SA*, empresa surgida na sequência da privatização do canal comercial da Radiodifusão Portuguesa.

Neste período continuei a acompanhar, privilegiadamente, os assuntos dos países lusófonos. Em Outubro de 1986 fui a Moçambique por ocasião das exéquias fúnebres do Presidente Samora Machel e acompanhei visitas oficiais do Primeiro-Ministro português ao Brasil e Cabo Verde (Junho de 88), Guiné-Bissau (Março de 89) e Moçambique (Setembro de 89). Em Julho de 1990 voltei a Cabo Verde por ocasião do Congresso do PAICV. Em Janeiro de 1991 acompanhei as primeiras eleições multipartidárias em São Tomé e Príncipe.

A particular atenção com que seguia as questões da política internacional levaram-me a Nova Iorque e às Nações Unidas (Outubro de 1985), à Bélgica, Itália e Turquia, numa digressão por instalações da NATO (Outubro de 1986), à Alemanha, por ocasião das eleições legislativas (Janeiro de 1987), a Bruxelas, à cimeira da NATO (Dezembro de 1989), ao Conselho Europeu de Estrasburgo (Dezembro de 1989), ao Conselho Europeu de Dublin (Abril de 1990), aos Conselhos Europeus do Luxemburgo (Abril e Junho de 1991), à assinatura do Tratado de Maastricht na Holanda (Fevereiro de 1992), e a acompanhar as visitas do Presidente do Conselho Europeu em exercício, Cavaco Silva, no primeiro semestre de 1992: Tunísia (Março), EUA e Canadá (Abril) e Berlim e Bona (Junho). Nos Açores, acompanhei a visita do papa João Paulo II (Maio de 1991) e, em Lisboa, segui a conferência da CEI (Maio de 1992).

Após a privatização da *RDP-Rádio Comercial* (Outubro de 1992), para além da edição de jornais radiofónicos, mantive a ligação aos temas internacionais, tendo acompanhado o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, à República Checa (Agosto de 1993) e a Nova Iorque e Nações Unidas (Outubro de 1994). Já com António Guterres como Primeiro-Ministro segui os Conselhos Europeus de Madrid (Dezembro de 1995), Turim (Março de 1996), Florença (Junho de 1996) e Dublin (Dezembro de 1996). Acompanhei também a cimeira da OSCE em Lisboa (Dezembro de 1996).

A minha relação com os assuntos comunitários intensificara-se a partir de 1989, ano em que me candidatei e fui escolhido para frequentar um estágio de formação em Assuntos Europeus para jornalistas portugueses, promovido pela Comissão Europeia em Bruxelas, Luxemburgo e Estrasburgo. Desde então desloquei-me, com regularidade, às várias capitais europeias por ocasião das cimeiras de Chefes de Estado e de Governo. Em 1990, editei um suplemento semanal do jornal *Correio da Manhã* dedicado ao tema *Europa* e, em 1992, acompanhei em permanência para a *RDP-Rádio Comercial* o semestre da presidência portuguesa da União Europeia.

Até 1998 mantive-me como editor de informação na *Rádio Comercial* que, após a privatização, tinha passado para as mãos de Carlos Barbosa e da sua equipa trazida do *Correio da Manhã Rádio*. A integração das pessoas e a articulação dos dois projectos acabou por revelar-se difícil e o espírito da *Comercial* dos anos 80 foi-se desvanecendo ao longo da década de 90. Em 1997, Pais do Amaral assumiu a liderança da *Rádio Comercial* sem dar mostras de querer apostar na informação e criou um portfólio de rádios, sobretudo musicais, que viria a consolidar-se sob a designação de *Media Capital Rádios*. A Comercial em FM virou-se, então, para a música, sob a direcção de Luís Montez. Na Onda Média foi criada a *Rádio Nacional*, frequência para a qual recuei, confortavelmente, até ao ano 2000, mantendo a edição e apresentação de noticiários.

Na sequência do depauperamento do projecto da *Rádio Nacional* foi com agrado que, de 2000 a 2003, saltei para outra frequência da *Media Capital Rádios*, a *Rádio Nostalgia*, com a qual podia, ao menos, sentir algumas afinidades musicais. O relançamento da marca *Rádio Clube Português*, para onde transitei em 2003, fez ressurgir a expectativa de uma aposta no jornalismo radiofónico. Mas, por pouco tempo. Rapidamente se percebeu que o objectivo de Pais do Amaral era a alienação da *Media Capital* aos espanhóis da *Prisa*. Paralelamente à consumação do negócio, em Novembro de 2005, Luís Osório chegava à *Media Capital*, aparentemente com plenos poderes para não deixar pedra sobre pedra na redacção das rádios.

O então director de informação foi, imediatamente, esvaziado de funções e a mim bastaram-me três meses para perceber que havia certezas a mais por parte de quem se enganava muitas vezes mas, aparentemente, nunca tinha dúvidas. A convulsão iria começar. Decidi, então, tirar seis meses de licença sem vencimento para desenvolver actividades académicas, no âmbito do doutoramento. No fim deste período estava já plenamente convicto de que o melhor seria sair o quanto antes e pelo meu próprio pé, apesar do convite de Luís Osório para integrar a equipa do novo *Rádio Clube Português*. Por mútuo acordo, rescindi o contrato que me ligava à *Rádio Comercial S.A.*

Ao completar 30 anos de profissão, concluí que o jornalismo surgiu na minha vida absolutamente por acaso. Pela simples razão que gostava de rádio e foi essa a porta de entrada para a profissionalização. Numa altura em que o jornalismo radiofónico e a rádio, em geral, se encontram numa encruzilhada, a minha opção foi ficar do lado de fora, tentando compreender o impasse a que este meio chegou. A via escolhida foi a do aprofundamento da reflexão teórica que, de uma forma mais ou menos residual, sempre fez parte da minha ligação à rádio.

No momento em que abandonei a actividade profissional na rádio e no jornalismo tinha a expectativa de realizar um percurso académico independente, sem ligações às

“capelinhas” da política e a todos os outros grandes ou pequenos poderes. Gradualmente, fui-me apercebendo que tal não era possível. Tal como no jornalismo, também na vida académica, há que entrar no “sistema” e aderir a esta ou àquela facção, a este ou àquele grupo. Caso contrário, vai-se sendo apenas tolerado, com maior ou menor benevolência, quando não se é, pura e simplesmente, ostracizado. Isto, apesar de a universidade, pela sua própria natureza, dever ter como principais pontos de honra a preservação da autonomia institucional e uma independência radical. Mas não. Como dizia há já muitos anos o poeta Eduardo Guerra Carneiro “isto anda tudo ligado”. Daí a desmotivação para continuar.

A partir de certa altura, o projecto de investigação foi-se tornando, para mim, cada vez menos estimulante devido a:
- rivalidades e susceptibilidades entre orientadores
- falta de apoio e reconhecimento por parte das instituições
- percepção de boicotes e silenciamentos cozinhados nos corredores, na sequência de uma assumida rejeição de entrada na “corte” académica e na assunção de uma atitude não reverencial perante os catedráticos que se mantêm organizados numa rede de influências a que dificilmente se escapa se se quiser fazer carreira.

Se fosse mais jovem e tivesse suficiente ambição poderia romper com este círculo das “capelinhas” nacionais e ir lá para fora buscar estímulo e reconhecimento onde, acredito, ainda é possível investigar fora dos cânones já traçados e pôr em causa as normas através dos factos. Porém, como já provei o que tinha a provar a mim próprio e não tenho que provar mais nada a ninguém, fico satisfeito em, pelo menos, ter conseguido perturbar e desafiar alguns “bonzos” das ciências da comunicação cá do burgo. Assim sendo, decidi ficar por aqui no percurso académico e organizar a minha vida trilhando outras vias.

Agosto de 2009